

pela variedade de agentes sociais, pelas redes criativas e colaborativas que demanda, assim, um novo design, formado com um conjunto de competências condizentes com o cenário vigente da profissão e do cenário socioeconômico mundial.

Buchanan [39] contribui para a reflexão acerca da prática atual do campo ao indicar que o conceito que se tinha sobre produto, objeto principal da prática do design até então, foi amplificado. Para o autor, os produtos de hoje, resultados do processo de design, podem ser informações, artefatos, atividades, serviços, políticas, sistemas, ambientes, experiências, requerendo, portanto, segundo Norman e Klemmer [40], novas habilidades, que não somente as habilidades artesanais – principal foco do ensino do design em muitos casos –, exigindo, nas palavras de Moraes [24] maior atenção “[...] à arena ainda pouco conhecida e decodificada dos atributos intangíveis dos bens de produção industrial.”. Para o autor, enxergar possibilidades de atuação e imaginar cenários possíveis é tão relevante quanto projetar a solução em si [18]. Da mesma forma pensa Friedman [16,41] que enfatiza uma formação amplificada com valorização de competências não tradicionais do design.

Apresenta-se, desse modo, o confronto entre aqueles que defendem uma formação mais generalista em contraponto a uma formação especialista, sendo esse mais um problema a ser enfrentado. Para muitos autores [18-19-37-40-42], a prática na atualidade requer mais profissionais que conseguem trabalhar de forma horizontal, com capacidades integradoras e de síntese para lidar com os desafios múltiplos que se apresentam. Assim, a disciplina do design teria a tarefa de encontrar uma base comum para todas as suas especialidades que seriam os fundamentos do conhecimento em Design, independente das especializações buscadas por cada aluno.

Considerando que o design está na intersecção entre arte, tecnologia e ciência [10-13-14], com crescente ênfase na necessidade de integração com as ciências humanas e sociais em específico, a determinação do campo de domínio dos cursos de design é tarefa difícil [10]. Assim, a divisão por disciplinas, especialidades e áreas do conhecimento dificulta a integração inter e

transdisciplinar dentro das instituições. Devido a isso, Bonsiepe [9,11] acredita que uma reviravolta do ensino superior em Design só será possível se forem criadas instituições e estruturas acadêmicas radicalmente novas, com mentalidade inovadora, que, para ele, provavelmente seriam constituídas fora do sistema formal, em função de aspectos burocráticos e outras limitações – como os interesses mercantis privados e a legislação atual, por exemplo.

No entanto, por acreditar que a universidade ainda tem o poder e a oportunidade de fomentar pensamentos divergentes da situação estabelecida, o autor [26] se refere a uma “desobediência projetual” como possível atitude dos designers perante o cenário anunciado. Para ele, designers são profissionais esperançosos que devem negar a resignação e intervir na realidade com suas ações projetuais, neste caso, no próprio processo de ensino do campo. Niemeyer [34] concorda e afirma:

A partir de um processo antropofágico, podemos metabolizar as heranças que recebemos e devolver ao mundo uma proposta nova e genuína que mesmo não sendo ideal trará novos modos de viver. Apresentar ao mundo um novo modelo.

Nesse sentido, acredita-se ser possível refletir como indivíduos e como categoria profissional para promover algumas mudanças necessárias. Mesmo que sejam poucos que concordem com essa visão, de acordo com Bonsiepe [10] e Niemeyer [34] sempre há uma vanguarda que percebe os problemas antecipadamente e tem disposição para inovar e corrigi-los. Nas palavras de Poggenpohl [43]:

Transformações do *status quo* não ocorrem de repente, e não evoluem apenas porque uma ou poucas pessoas acreditam que sejam necessárias, mas porque a ideia da mudança reverbera com muitos indivíduos e instituições em todo o mundo, especialmente através daqueles que praticam uma nova versão do design, e que educam a nova geração de designers para construir sobre o passado ao invés de simplesmente replicá-lo.

Assim, as constatações e problemas identificados – sintetizados no Quadro 1 – pressupõem a necessidade de respostas e soluções para aprimorar os programas de ensino